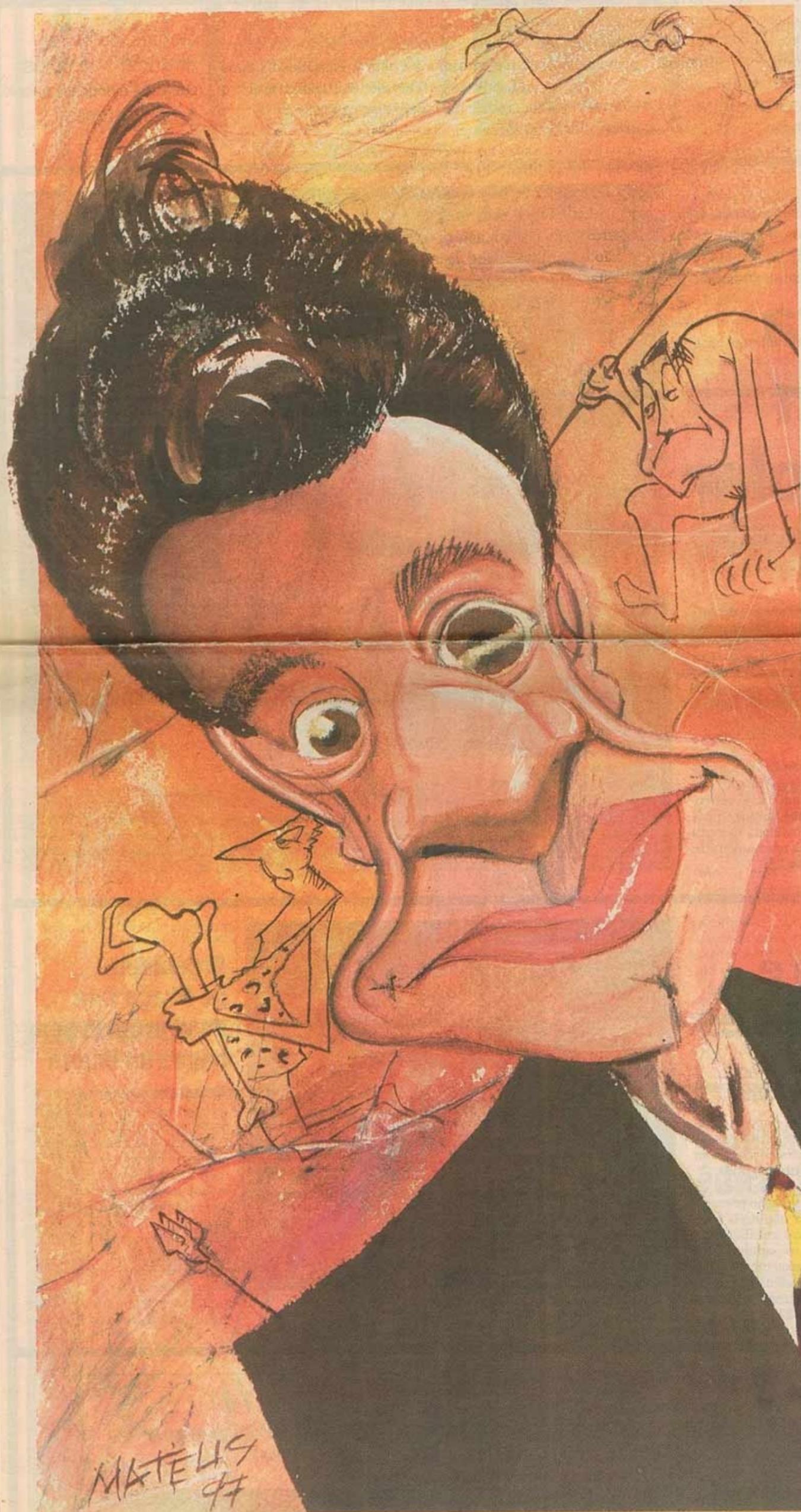




CARLOS MAGNO

O Carrilhão



Chegou ao Governo de Guterres com fama de «frágil». Pura ilusão. Lá por ser visto num bar lisboeta com esse nome, Manuel Maria Carrilho nunca foi de gelatina. E mostrou-se pronto para a luta logo no primeiro discurso que fez na Assembleia da República. Ainda a Nova Maioria estava fresca e já ele tocava os carrilhões da polémica de Foz Côa, levando ao rubro o debate do programa do Governo. Incendiou a bancada do PSD considerando Cavaco um pato-bravo e o cavaquismo como um subproduto da cultura terceiro-mundista. O novo ministro fez fúria, cancelando a barragem e assumindo a defesa das gravuras rupestres. Mostrou que sabia nadar nas tempestades da política. E provou que não precisava da Ajuda de um Palácio para transformar a Secretaria de Estado da Cultura num Ministério da Alta Política. Chamaram-lhe então o «ministro da Propaganda» e ele respondeu classificando os escandalizados analistas que o criticavam como «comentadores políticos de telenovela». Numa entrevista que João Fernandes e Maria João Rocha lhe fizeram, Manuel Maria Carrilho defendeu o estilo Sousa Franco de dar murros na mesa com este argumento: «a política não deve ser um exercício de sonâmbulos». E atirou-se com frenesim a Marcelo. Depois de ter reduzido o líder da oposição a pura gelatina política na entrevista ao *Expresso*, Carrilho declarou ao DN: «Faço um diagnóstico muito negativo do prof. Marcelo Rebelo de Sousa, mas há uma explicação para esse facto. O PSD tem uma dupla matriz: a humanista de Sá Carneiro, que marcou Vasco Pulido Valente e teve um papel importante na administração da cultura; e a tecnocrática liderada por Cavaco Silva, de grande desprezo pela cultura. Para minha grande surpresa, Marcelo tem-se filiado na segunda matriz, com uma enorme proximidade, que me espanta, com Santana Lopes.» Com um ataque destes não admira que Marcelo tenha recusado o convite de Carrilho para estar ontem em Foz Côa. Mas além de acusar Marcelo de ter sido cúmplice dos ataques feitos por franjas do PSD às gravuras rupestres, Carrilho espetou-lhe ainda outra farpa: «Até hoje da cultura só ouvi Marcelo dizer bem de Zita Seabra... A mesma Zita com quem Carrilho se pegou numa célebre peixeirada em directo na SIC por causa das dívidas do cinema português.

Habitado a *Jogos de Racionalidades* — é este o título do seu último livro, que Marcelo sugeriu aliás aos ouvintes de um dos seus últimos Exames na TSF — o filósofo Carrilho é a materialização de uma das suas próprias teses. Noutro livro, escrito em francês, *Rhétoriques de la Modernité*, Carrilho investiga «a racionalidade a partir dos instrumentos contemporâneos da retórica» e sustenta que «é preciso repensar a noção de racionalidade». Também na política, presume-se. E é isso que ele faz. Surpreendendo-nos. Sobreretudo quando afirma que «o marcelismo é uma comédia», mas declara logo a seguir, sem se rir, que «o PP é um parceiro credível». Assim sendo, resta-nos tomar Carrilho pelo seu valor facial. Honra lhe seja feita, ele é a antítese daquele governante do tempo de Salazar que dizia: «Sou ministro, não faço política.» O ministro da Cultura está lá para fazer política. Mediática, também. E ao trazer o rei de Espanha com o secretário-geral da UNESCO a Foz Côa teve um golpe de mestre. Internacionalizou ainda mais as gravuras. Por isso, ninguém se espante se, dentro em breve, ele convidar a Claudia Shiffer para desfilar na *passerelle* da «Canada do Inferno».